

Índice

María Calvo: “Há que revalorizar a paternidade”	1
---	---

María Calvo: “Há que revalorizar a paternidade”

A figura do homem que assume a paternidade a partir da sua masculinidade – o esperado, em qualquer caso – não vive os seus melhores momentos. “Chegávamos a casa pela meia-noite, depois de trabalhar todo o dia, e o meu pai matava-nos e dançava sobre as nossas tumbas cantando ‘aleluia!’”, caricaturavam os Monty Python num velho *sketch*. Mas para algumas correntes atuais não se trata de uma imagem humorística: o homem, “opressor congénito”, não teria nada de positivo a dar à criação dos filhos. Pelo menos, não na sua perspetiva de homem.

No seu último livro, “[Paternidad robada](#)” (Almuzara, Córdoba, 274 págs., 2021), María Calvo Charro, professora titular na Universidad Carlos III de Madrid e autora de várias obras sobre educação, toma nota das consequências do recuo social do homem. Consequências para os menores, para as suas mães, para a sociedade. Por isso, advoga uma mudança de mentalidade, visto que “se o homem perde, perdemos todos”.

— “Paternidad robada”. O título, professora, já nos indica que o estado das coisas não vai pelo melhor...

— Há uma crise de identidade pessoal em geral, que afeta a feminidade, mas especialmente a masculinidade, onde uma das suas facetas essenciais é a paternidade. Hoje, pretende-se prescindir dos homens para se ser mãe, pois com as técnicas de reprodução assistida, já não há a necessidade física de um homem.

Porquê paternidade roubada? Porque na medida em que há mulheres que estão a ter filhos sem pai, ou filhos “órfãos de pai” antes de nascerem, nas famílias chamadas “monomarentais”

(mães sozinhas com filhos), estamos a privar o homem do papel da paternidade e a condenar os filhos a serem órfãos de pais vivos.

Também é evidenciada uma espécie de preconceito de inutilidade masculina que se estendeu desde a revolução do Maio de 1968, levando as famílias a tender para a “matri-focalidade”. Há mulheres que consideram o homem pouco apto, sem qualidade, prejudicial para o equilíbrio emocional dos filhos, e vão-no afastando. O espaço paterno é um espaço invadido pela mãe, e ele fica relegado a ser espectador benevolente da relação mãe-filho.

Outra coisa: quando se lhe permite intervir, é-lhe exigido muitas vezes que o faça como as mulheres o fazem, na perspetiva feminina, não na de uma plena masculinidade. Que ele seja a “mamã bis”, o pai que exerce a paternidade com modelos femininos.

— *Nos meios de comunicação, a recorrente imagem do homem como instigador da violência, como pessoa instintivamente falha de delicadeza, tão-pouco o favorece muito...*

— Efetivamente. Alargou-se o desprezo social para com a paternidade, e apresentam-se retratos do pai como o violento, o alcoólico, aquele que abandona o lar. Mas não estão a refletir uma realidade, pois é no século XXI que vemos os pais a querer um maior envolvimento. Nunca se viram tantos pais nas consultas de pediatria, nas escolas; tantos deles a lutar pela responsabilidade parental nos tribunais quando os casais se separam...

O pai atual, longe dessa agressividade, é um homem que quer exercer a sua condição, que quer ser competente. Esses pais encontramos-os nas reuniões das escolas ou nos pediatras. E aprenderam uma expressividade emocional que não tinham nas gerações anteriores. São mais afetuosos. São capazes de

dizer “gosto de ti”, de dar um abraço. É uma geração com pais muito emotivos, mas que não aplicam outros valores e atributos do passado de que necessitam também para serem pais equilibrados. Como não é “politicamente correto”, não se atrevem a aplicar a autoridade, os limites...

Frustrar não “traumatiza”

— *Visto que exercer a autoridade, na família ou no plano social, não é muito cotado, será contraproducente que o pai imponha limites? Não conviria a todos que tentasse “suavizar-se” e ser mais transigente?*

— Nem pensar! É maravilhoso que avance limites! Estará a proporcionar um presente aos filhos. Osvaldo Poli, psiquiatra, diz que vivemos numa espécie de encantamento que nos dificulta colocar os nossos filhos perante a realidade, encaramo-los com um sentimento de culpa. Evitamos que deparem com o conflito, que sofram...

É o pai quem apresenta os limites; os filhos querem-nos, pois são como os corrimões de uma escada. Ao chegar à adolescência, os limites são imprescindíveis. Eles reclamam a imposição de uma lei, de uma barreira, para atravessá-la, para infringi-la. Necessitam dela para exercer a sua liberdade. Uma criança sem limites não é livre para saber se deve obedecer ou não. Se for deixada fazer aquilo que lhe der na gana, essa liberdade está mutilada.

— *Ainda que ser quem apresenta os limites possa ser ingrato. Não será melhor funcionar como “amigo” do filho em vez do “Senhor Não”?*

— Ser amigo dos filhos é a pior agressão que se lhes pode fazer. Amigos podem ter muitos, mas pai só podem ter um. O pai tem de dar essa segurança aos seus filhos, ajudá-los a saber onde se encontram no mundo. Na família, há uma ordem hierárquica, e ele tem de lhes impor a lei simbólica da família, a ordem de filiação. Porque vão ser muito mais felizes depois. Na medida em que aceitem um “não” do seu pai, vão ser capazes de aceitar um “não” da autoridade, de um polícia, sem frustrações.

Ao pai cabe-lhe esse papel: confrontar o filho com a realidade. Os filhos, para serem felizes, têm de amadurecer, e o pai, com os limites, ajuda-os a isso. O que é a felicidade: que estejam contentes? Não. Que sejam autónomos, independentes. Que voem. Como dizia Goethe, “apenas podemos deixar um legado aos nossos filhos: raízes e asas”. Temos de lhes oferecer as asas, que pressupõem o amadurecimento pessoal, e este passa pela frustração, pelos limites e pelo esforço.

— *A ideia dominante, no entanto, é que frustrar “traumatiza”...*

— Os filhos têm o “direito fundamental à frustração”. Haverá que reconhecê-lo na Declaração de Direitos da Infância! Hoje há medo de frustrá-los, de confrontá-los com a realidade. E isto é horrível, porque a frustração rodeia-nos como as quatro paredes de uma casa. A Covid-19 demonstra-o: querermos ir para a rua e não o podemos; estar sãos e adoeceremos; viver para sempre, e estarmos a morrer.

Isso é frustração, e se não sabemos geri-la, temos um problema. Quando as crianças não sabem gerir a frustração, têm imensos rascunhos para padecer de problemas psíquicos quando forem adultas.

Não há educação sem frustração. Desde que a criança nasce, começa a chorar pedindo o seio da mãe. Se se lhe dá o que pede, algo que está na moda, nunca se vai frustrar. Os pediatras clássicos diziam que era de quatro em quatro horas. A criança chorava nos primeiros dias; depois já esperava as quatro horas calmamente. Aprendia a gerir a frustração.

Frustrar é amar. Há que amar muito um filho para aguentar o choro quando a criança é pequenina; as caras feias quando são mais maiorzinhos, aguentar que até nos odeiem quando são adolescentes... É uma manifestação de amor.

Um “buraco negro” no lar

— *Há mães que criam sozinhas os seus filhos. Para que necessitariam de um pai? Por acaso não podem ser elas a apresentar-lhes os limites?*

— Os filhos necessitam da alteridade sexual em torno da sua vida. Não tem a ver apenas com limites. Atualmente, tal como está configurada, submersa na ideologia de género, temos um problema com a identidade sexual de crianças que vivem somente com a mãe, rodeadas de feminidade. As crianças do sexo masculino, neste caso, e constatando que na escola mais de 85 % dos professores são mulheres, crescem num mundo totalmente feminizado, sem referências masculinas.

Os psiquiatras concordam que meninos e meninas, ao nascerem, têm uma identificação primária com a sexualidade da mãe, pelo que ambos sofrem um itinerário para se desligarem dela: à filha é-lhe mais fácil, porque não tem de sofrer o desvincular da feminidade; o filho sim, deve enfrentar esse desligar, num itinerário mais complexo, porque experimenta pequenas ruturas.

Chegar a ser homem é um caminho complicado, tortuoso. As mães podem ajudá-los em afetividade, ensinar-lhes inteligência emocional, etc., mas não podem ensiná-los a transformarem-se em homens. Podemos transformar um embrião num menino, mas não um menino num homem. Isso cabe ao seu pai, pelo que a sua não presença gera um problema de

identidade sexual brutal, cujas consequências vemos depois na sociedade.

Evidentemente, a ausência do pai não tem a ver somente com a sua ausência física, mas com a simbólica. No caso das mães que tiveram filhos a sós, sem quererem saber nada do pai, há um buraco negro no lugar deste, o que gera ansiedade às crianças. Além disso, há mulheres que têm filhos com a intenção de preencher os seus vazios existenciais. Depositam neles todas as suas esperanças; toda a sua vida gira em torno deles, os quais se convertem nos seus confidentes. É uma espécie de relação de casal. Os psicólogos chegam a falar até de “incesto psíquico”.

A essas crianças não as deixam voar. Têm uma espécie de dívida de gratidão eterna com a sua mãe, que lhes diz: “És a razão da minha existência”, e é um erro horrível, pois fica encerrada numa prisão de amor equivocada. Mas também o é para a mulher: a criança não pode ser a razão da nossa existência. Nunca.

O melhor presente que a mãe pode dar a um filho é o desapego. A partir dos seis anos, qualquer criança, menino e menina, devem experimentar um desapego da mãe e um reatar de sintonia com o campo magnético masculino. A mãe oferece a vida carnal, biológica, e o pai a vida social.

Ensinar a empatia

— *Fala de consequências dessa ausência masculina para a criança no âmbito pessoal. E no social?*

— No pessoal, como lhe disse, existem os problemas de identidade sexual, mas também uma menor capacidade de mostrar compaixão; menos empatia, menos autocontrole... Porquê? Porque a educação feminina na ausência do pai é coxa. Tende, por exemplo, para uma satisfação imediata dos desejos: tem fome? Dou-lhe de comer imediatamente. Dou-lhe o copo de água antes que o peça. O agasalho, antes que tenha frio... Logo é impossível ter autocontrole. Como é que vai ter empatia, se não experimentou o sofrimento, a fome, a sede...?

Não pode ter empatia por outros nem ser sensível. Além disso, é imaturo, e as pessoas imaturas pensam que merecem ter tudo e que aquilo de que não gostam, simplesmente não existe. “Incomoda-me tudo o que seja feio, tudo o que seja sofrimento...”.

Isto reflete-se a seguir na vida social. As estatísticas demonstram que a ausência paterna está na base da maioria dos problemas sociais mais graves: a delinquência, os abortos adolescentes, o insucesso escolar, a dependência das drogas... Antes pensava-se que estas situações estavam relacionadas com a marginalidade e a pobreza. Nada disso: aconte-

cem também em crianças de classe alta, em menores que são violentos.

Em França, a propósito do jihadismo, observa-se que os terroristas têm em comum serem do sexo masculino, jovens e sem pai. Se formos para a Colômbia, investigações sobre a mafia e o narcotráfico mostram que a imensa maioria dos envolvidos têm o mesmo perfil. Em Espanha, o último relatório do procurador de menores afirma que o retrato do delinquente é “sexo masculino, sem pai”.

— *Mas nem sempre o pai está ausente da vida do filho por incompatibilidades com a mãe. Pode ser que tenha falecido. Os riscos e consequências são os mesmos?*

— Nada a ver. O pai sempre esteve ausente de algum modo. No passado muito mais do que agora, porque emigrava por motivo de trabalho, porque falecia, ou por inúmeras razões. Mas havia uma presença simbólica, espiritual. Para a mãe existia, e nomeava-o: “Quando o papá voltar vais perceber”, ou “vai-te dar um prémio”, ou “vai ficar satisfeito com isto”. Se havia falecido, ainda assim estava simbolicamente presente: “O papá teria gostado...”.

Havia, pois, uma presença. O horrível é quando não há ninguém. Existe um vazio, um buraco, e o filho não sabe de onde vem. Somos seres genealógicos. Precisamos de raízes. Isto observa-se muito nas crianças que nascem por reprodução assistida. A doação de gâmetas, em Espanha, é anónima, e a estas crianças, não saber quem é o seu pai causa-lhes uma ansiedade terrível. O Comité de Bioética está a lutar para que os doadores não sejam anónimos.

Modelos masculinos

— *Diz-se que “mãe só há uma”, e na minha terra complementam: “Pai é qualquer um”. Será “qualquer um”? As leis de vários países têm ratificado isto.*

— Pai é quem adota o filho, o acompanha, lhe põe limites. “Paternaliza-o”. Pai não é pai biológico: inseminar não é paternizar, como não é pianista quem tem um piano. O pai biológico tem de “adotar” o filho, simbolicamente falando. É quem faz a reconfiguração mental para sê-lo e se adapta às novas circunstâncias. Tem um papel diferente e novo, no qual cresce com o exercício. É quem se encarrega de um filho em todas as suas facetas: espiritual, física e psicológica, e pode não ser o pai biológico.

— *Refere que o pai influi na formação da identidade sexual do filho e da filha. Será uma tarefa indelegável?*

— Não. Há pais que estão ausentes por muitos motivos. Outro adulto pode assumir um papel importante nisto: um tio, um avô,

um professor, o líder de um clube... É importante que esteja presente essa figura masculina. Seria muito positivo, neste sentido, favorecer a presença de professores do sexo masculino nas escolas, pois atualmente os alunos encontram-se absolutamente feminizados, sobretudo nos primeiros ciclos de ensino: no infantil e no primário.

São necessários modelos masculinos que as crianças possam assumir como líderes. Os menores precisam de uma liderança. Se não a encontram no pai, no avô, no professor, buscam-na fora. Nos gangues, por exemplo.

— Diz, além disso, que é o homem quem ensina os filhos a respeitar o sexo feminino. Para aquele que é criado sozinho com a sua mãe, não viria já isto incluído “no pacote”?

— Muito pelo contrário. As estatísticas demonstram que as crianças que são criadas sozinhas com as suas mães são muito agressivas e violentas quando chegam à adolescência. Revoltam-se contra as mães, porque estas não lhes deram autonomia; o filho não foi um ser independente, mas um apêndice. Já na adolescência, o filho quer essa autonomia, e aí vira-se contra a mãe, que foi toda doação, mas doação equivocada, amor asfíxiante. Os filhos lutam para respirar e, por vezes, reagem com muita violência.

Paternidade equilibrada

— Se o pai é um monstro, ou mesmo se é uma “mãe bis”, todos no lar perdem. Por onde deve ir a linha e como pode ajudar a mãe nisto?

— O pai tem de exercer uma paternidade equilibrada. Não pode ser nem o um nem o outro. Tem de exteriorizar tudo a partir do afecto. Claro, como temos de repetir modelos, há muitas paternidades incorretas herdadas. Os nossos pais não foram muito de dar afecto. As mulheres têm um papel essencial, porque sabem muito de inteligência emocional e, felizmente, as emoções são educáveis. Podemos estender pontes, procurar momentos de intimidade entre pai e filho; ajudar o homem a expressar o seu sentimento, para que o filho entenda a diferença entre a masculinidade e a feminidade.

Por outro lado, a que chamamos monstro? Há que ter cuidado. Tende-se a pensar que os homens amam menos do que as mulheres porque têm menos expressividade emocional. A sua manifestação do amor é muito diferente da feminina, sem por isso ter menos qualidade. Amam, mas desejam fortalecer os filhos.

É uma manifestação do amor que às mulheres custa a compreender. Está cheia de silêncios. Para as mulheres, a comunicação é amor; para eles, é fazer coisas juntos. Levam o filho para a montanha, como estiveram o meu marido e o meu filho

adolescente há alguns dias: quatro horas em silêncio lá. Quatro horas! E os dois estiveram felizes, com uma ligação emocional fortíssima.

Isso pode fazer-nos entender que, antes de qualificar o homem como pouco carinhoso, tem de se compreender que a sua manifestação de amor é diferente da feminina. Não é possível feminizá-lo.

— Por último, no seu livro, adverte que, a continuar como até aqui, encurralando a figura do pai, teremos um “regresso ao bando”, uma crise da civilização ocidental. Haverá vontade de corrigir este desprezo e as suas consequências? Será tarde?

— Ainda estamos a recuar. Ainda não se reagiu. Por exemplo, no decreto espanhol que aprovou a licença de paternidade, não aparece a palavra *pai*. E não aparece intencionalmente: o que não se nomeia não existe. Porque o pai é o “perturbador”, o “não apto”, o “prejudicial”, o “prescindível”...

Estamos a caminhar ainda contra a figura paterna, pelo que resta muito a fazer socialmente. No imaginário coletivo, tem de se mudar essa perceção, pois o homem liberta a mulher. Liberta o filho e a mãe. É liberdade. Temos de revalorizar a paternidade, a masculinidade equilibrada, porque necessitamos dos homens. Caso contrário, vamos ter uma sociedade muito complicada.

L. L.